

CIRANDA DA ARQUIVOLOGIA EM TORNO DO SEU OBJETO CIENTÍFICO PASSOS E (DES)COMPASSOS DE CONCEITOS, PRINCÍPIOS, TEORIAS, MÉTODOS E DISCURSOS

RING-A-RING O'ROSE, THE ARCHIVAL SCIENCE RINGING AROUND ITS SCIENTIFIC OBJECT

THE COMINGS AND GOINGS OF ITS CONCEPTS, PRINCIPLES, THEORIES, METHODS AND DISCOURSES

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. *A construção do objeto científico na trajetória histórico-epistemológica da Arquivologia*. São Paulo: ARQ-SP, 2015. 288 p. (Thesis, 3)

ANGELICA ALVES DA CUNHA MARQUES | Professora do curso de Arquivologia e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (UnB). Arquivista, mestre e doutora em Ciência da Informação (UnB).

O livro *A construção do objeto científico na trajetória histórico-epistemológica da Arquivologia* é um desdobramento da notável tese desenvolvida por sua autora, Clarissa Schmidt, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), concluída em 2012 e premiada pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (2013), no âmbito do Prêmio Maria Odila Fonseca. Sua orientadora, a professora Johanna Smit, o prefacia, ao referendar a relevância do seu tema e ao destacar o cuidado da autora na apresentação das várias nuances do objeto científico da arquivologia.

De fato, esse cuidado perpassa toda a obra, mediante rigorosa análise de muitas obras clássicas, modernas e contemporâneas da arquivologia, disciplina semelhantemente classificada por Schmidt nesses três períodos, a partir da proposta de Fourez (1995), que entende que uma disciplina passa por três fases: pré-paradigmática, paradigmática e pós-paradigmática. O livro é por ela didaticamente dividido em seis capítulos, complementados com uma rica lista de referências bibliográficas, que remete à densa pesquisa bibliográfica realizada, e dois apêndices (questionário e roteiro de pesquisa utilizados na tese).

Sua pesquisa se justifica a partir das diferentes e diversas classificações atribuídas à natureza do conhecimento da arquivologia e de necessidades práticas presentes nas bases do saber arquivístico, que dificultam investigações mais aprofundadas sobre a disciplina e a sua epistemologia; das diferenças terminológicas, de tradução e das estruturas jurídicas e administrativas próprias de cada país e de cada época, as quais culminam em indefinições teóricas e metodológicas; e da subordinação da arquivologia à ciência da informação, por alguns estudiosos, na perspectiva da informação como possível objeto das duas disciplinas.

Na introdução, Schmidt contextualiza o problema da sua pesquisa e apresenta os seus constructos teóricos para o que demarcará os passos e (des)compassos da ciranda da arquivologia em torno do seu objeto científico entre fazeres e saberes: as funções arquivísticas, as teorias, os métodos, os conceitos e os princípios arquivísticos são anunciados para adiante serem retomados histórica e epistemologicamente conforme visões variadas de diversos estudiosos da área em cantigas de afirmação, negação ou ressignificação desse objeto. A autora se posiciona quanto à natureza do conhecimento da arquivologia diante das várias classificações que recebe como uma ciência, disciplina ou técnica, entendendo-a como uma ciência em construção, sinônimo de disciplina científica, cuja produção científica é dinâmica conforme os constantes processos de mudanças. Demonstra a relevância do tema proposto, recorrendo à definição de “campo científico” de Bourdieu (2004) para apresentar a configuração e a perenidade de diversas concepções do objeto científico da arquivologia, que perpassam o seu desenvolvimento, especialmente no Brasil. Nessa perspectiva, a formação da autora em ciências sociais parece conduzir o seu cuidado em situar os diferentes contextos sociais, culturais, políticos, econômicos e tecnológicos nos quais a disciplina se constrói internacional e nacionalmente.

No primeiro capítulo, com o objetivo de compreender as diferentes concepções e definições do objeto científico da arquivologia, a autora retoma e apresenta os já anunciados significados e conceitos de ciência, disciplina e técnica, situando-a entre seus saberes e fazeres (como o próprio título do capítulo anuncia e o pressuposto de que a arquivologia se constrói como um saber a partir de um fazer), como uma ciência social aplicada (a partir de uma realidade social) moderna e/ou pós-moderna, inclusive quanto às relações da disciplina com a ciência da informação. Desse modo, a autora apresenta diversas definições quanto à natureza do conhecimento arquivístico, classificando-as pelos países de origem dos autores estudados.

A pesquisadora parte da publicação *Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos* (Muller et al., 1960), lembrando a sua importância, segundo diversos estudiosos da área, como “um marco de ‘entrada’ da arquivologia no campo científico” (Schmidt, 2015, p. 36) e segue lembrando outras publicações que marcariam a trajetória científica da arquivologia, isto é, a “tecnologia intelectual”¹ desta disciplina no sentido de pensar os problemas de organização, preservação, guarda e acesso aos documentos de arquivo.

A fase pré-paradigmática da arquivologia é, então, compreendida entre o final do século XVIII, com a Revolução Francesa, até meados da década de 1940, com o período que sucede a Segunda Guerra Mundial (o período anterior diz respeito, segundo a autora, à História dos Arquivos). Essa fase, que corresponde à Arquivologia Clássica, é marcada pela centralização dos arquivos; sua apresentação para os cidadãos em decorrência da Revolução; ideia de ar-

1 A autora também trabalha a questão da “tecnologia documental”, apoiada na definição de Favier (1979): “desenvolvimento tecnológico e seu reflexo nos suportes nos quais as informações estão sendo registradas e nas maneiras em que os documentos estão sendo elaborados” (Schmidt, 2015, p. 147).

quivo como instituição e serviço; publicação do *Manual dos Holandeses*, de Hilary Jenkinson, de Eugenio Casanova e de Adolf Brenneke; elaboração e disseminação de princípios científicos, dos quais se destaca o da proveniência; implantação das primeiras escolas de formação técnica; reflexões acerca das diferenças entre o trabalho realizado nos arquivos e nas bibliotecas; repercussão das ideias de Otlet acerca da bibliografia e da documentação; e pelo documento de arquivo como objeto que embasaria a Disciplina.

A fase paradigmática, por sua vez, configura-se a partir de meados dos anos 1940 até meados da década de 1980 e se relaciona à Arquivologia Moderna, caracterizada pelas contribuições de Schellenberg; pela institucionalização acadêmica da Disciplina; pela criação do Conselho Internacional de Arquivos (CIA); pelo desenvolvimento de teorias como a *Teoria das Três Idades*; e pelo entendimento do documento de arquivo como objeto indutor de reflexões no âmbito da comunidade científica arquivística, especialmente nas dimensões científica e administrativa, direcionadas à gestão.

Por fim, a fase pós-paradigmática relaciona-se à Arquivologia Contemporânea, ou seja, ao período a partir de meados dos anos 1980, quando as tecnologias passam a ter presença nas atividades cotidianas e o documento de arquivo aparece em sua versão digital, trazendo novos questionamentos para a Disciplina.

O capítulo seguinte, *Por uma história dos Arquivos e da Arquivologia*, se dedica a apresentar os processos históricos dos arquivos, sua importância, seus usos e valores que perpassam a “Arqueologia do saber”² da ciência em construção, no período clássico. Schmidt traz várias perspectivas, conforme a literatura italiana, alemã, francesa, americana, portuguesa e espanhola, para apresentar periodizações diversas dessa história, a partir das quais reapresenta a sua, inspirada em Fourez (1995).

Como representantes da Arquivologia Clássica, a autora aponta Jenkinson e o seu *Manual de Administração de Arquivo*, o qual, segundo ela, ao abordar a “verdade arquivística” dá razão científica para a área com o respeito ao contexto de criação do documento, às suas funções, à sua imparcialidade e autenticidade. Além do estudioso inglês e dos holandeses, ela lembra as contribuições de Casanova e Brenneke na consolidação do fazer e do saber científico da arquivologia, bem como dos desdobramentos do princípio da proveniência.

Ainda no segundo capítulo, Schmidt apresenta a institucionalização do Arquivo Nacional do Brasil, as iniciativas quanto à formação profissional desta instituição e no âmbito do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP).

O capítulo três dedica-se à apresentação da Arquivologia Moderna, período compreendido por Schmidt como paradigmático e marcado por preocupações com os documentos administrativos vertiginosamente produzidos, reconhecidos como “documentos modernos” pelos estudiosos da época. A autora enfatiza as abordagens americanas (com destaque para

2 Tomamos emprestada uma expressão de Foucault (2005) que não é utilizada pela autora, mas que nos parece traduzir o seu propósito de compreender “o estabelecimento de práticas e técnicas (*fazeres*), a construção de *saberes* e suas influências para com o estabelecimento ‘oficial’ de um campo científico” (Schmidt, 2015, p. 32).

Schellenberg e a sua teoria para a avaliação, assim como a distinção americana entre *records* e *archives*) e australianas (realçando as contribuições de Peter Scott e do sistema de séries, além das preocupações da Austrália com os documentos digitais ao ampliar reflexões teóricas), nos movimentos do campo científico da arquivística para lidar com os “novos problemas” dos seus fazeres e saberes. Nesse cenário, apresenta as origens e repercussões da Teoria do Ciclo de Vida e/ou Teoria das Três Idades, bem como o documento de arquivo para além do seu valor histórico como responsável por conferir identidade à área.

Nesse capítulo, Schmidt retoma as origens da ciência da informação e discorre sobre as suas relações com a biblioteconomia e a documentação. Apresenta o cenário brasileiro do período estudado, ainda carente do saber arquivístico e caracterizado por necessidades em atender às demandas relacionadas aos documentos.

No quarto capítulo, a autora busca apresentar a Arquivologia Contemporânea nos seus diferentes contextos e nas suas diversas abordagens de ressignificação de teorias, métodos, funções e princípios arquivísticos, diante da realidade, com menos fronteiras, muros e papel.

Seu texto transita entre as abordagens custodiais (tradicionais) e pós-custodiais/pós-modernas e são apresentadas as propostas australianas do *Records Continuum*; da arquivística integrada canadense; da viragem de paradigma portuguesa rumo à perspectiva pós-custodial; da arquivística funcional/pós-moderna de Terry Cook; da diplomática arquivística/temporânea e dos estudos de tipo documental liderados por Luciana Duranti e pelo *Grupo de trabajo de archiveros municipales de Madrid*.

O capítulo cinco, por sua vez, reúne diferentes abordagens do objeto científico da arquivologia a partir da revisão de literatura realizada por Schmidt - em torno do arquivo como conjunto de documentos de arquivo -; do documento de arquivo; da informação orgânica registrada; da informação arquivística; da informação social; e da informação gerada pelos processos administrativos e organizada com vistas a recuperar o contexto (*Process-bound information*).

No sexto capítulo, é analisada a institucionalização acadêmica e científica da arquivologia no Brasil, tendo, como pano de fundo, concepções de professores e pesquisadores participantes da I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (Reparq), além da pesquisa bibliográfica que perpassa toda a obra. Assim, o “lugar” da arquivologia no campo científico brasileiro é situado, tendo em vista a compreensão do discurso científico atribuído por esses atores.

Nessa perspectiva, a classificação da arquivologia em relação à ciência da informação, na Tabela de Áreas do Conhecimento (TAC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é analisada e questionada pela autora, mediante os avanços científicos do campo arquivístico no Brasil.

A proposta de Schmidt é plenamente cumprida, ao criticamente contribuir com uma criteriosa, rigorosa e articulada leitura de obras estrangeiras e brasileiras que conjugam a formulação e a consolidação da epistemologia da arquivologia em torno do seu objeto científico, numa ciranda que avança e recua entre passos e (des)compassos de conceitos, princípios, teorias, métodos e discursos arquivísticos.

Algumas reflexões da autora que perpassam seu estudo ainda merecem ser destacadas. Dentre elas, o percurso histórico e o lugar científico da arquivologia em relação à ciência da informação, que já existia antes desta disciplina; a “entrada” tardia do Brasil no campo científico dos arquivos, com uma construção científica mais institucional do que derivada de reflexões nos campos do fazer e do saber; a coexistência de abordagens para as realidades dos arquivos que refletem constantes interferências do contexto nos seus fazeres; a necessidade de manutenção da garantia dos elementos que fundamentam a área, independentemente da abordagem que se dê ao objeto da arquivologia; o reconhecimento de quem produz o documento, por que, para que, quando, onde, como, bem como seus trâmites e vínculos que caracterizam o “material de arquivo”, representado no documento de arquivo, o qual singulariza a arquivologia diante de outras áreas; a identificação de diferentes definições, pouca fundamentação e várias interrogações em torno do objeto científico da arquivologia pela sua comunidade, o qual necessita ampliar sua definição diante dos progressos da tecnologia documental.

Certamente, os passos e (des)compassos dessa ciranda não podem ser simplificados ao discurso do documento de arquivo *versus* informação arquivística, trazendo questões que perpassam avanços da comunidade arquivística rumo à autonomia científica da arquivologia e pausas quanto a problemas teóricos, terminológicos, conceituais e a apropriações acríicas de perspectivas informacionais em relação aos fundamentos da Área.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

FAVIER, J. Arquivos, memória da humanidade. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 5-7, abr. 1979.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: UNESP, 1995.

MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. *Manual de arranjo e descrição*. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960.

Recebido em 16/5/2016

Aprovado em 1/7/2016